

A MARCA DE ATENA

RICK RIORDAN

A MARCA DE ATENA

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO TRÊS

Tradução de Raquel Zampil



AGRADECIMENTO

Muito obrigado a Seán Hemingway, curador das galerias grega e romana do Metropolitan Museum of Art, de Nova York, por me ajudar a rastrear a Marca de Atena até sua origem.

Para Speedy —

Errantes e peregrinos são com frequência enviados pelos deuses.

ANNABETH

ATÉ ENCONTRAR A ESTÁTUA EXPLOSIVA, Annabeth achava que tinha se preparado para qualquer coisa que acontecesse.

Ela andara de um lado para o outro no convés do *Argo II*, o navio de guerra voador, conferindo e reconferindo as balistas, para ter certeza de que estavam travadas. Certificou-se de que a bandeira branca de “Viemos em paz” tremulava no mastro. Repassou o plano com o restante da tripulação — e também o plano B, e ainda o plano C.

Mais importante, puxou de lado seu supervisor fanático por guerras, o treinador Gleeson Hedge, e o encorajou a tirar a manhã de folga na cabine para assistir a reprises de MMA. A última coisa de que precisavam durante um voo em uma trirreme grega mágica indo para um campo romano potencialmente hostil era um sátiro de meia-idade com roupas de ginástica brandindo um bastão e gritando: “Morram!”

Tudo parecia em ordem. Até mesmo o calafrio misterioso que ela começara a sentir desde o lançamento do navio tinha passado, pelo menos por enquanto.

A embarcação de guerra desceu em meio às nuvens, mas Annabeth não conseguia parar de se questionar. E se aquela não fosse uma boa ideia? E se os romanos entrassem em pânico e os atacassem de imediato?

O *Argo II* definitivamente não parecia amigável. Sessenta metros de comprimento, casco revestido de bronze, bestas de repetição montadas na proa e na

popa, um dragão de metal cuspidor de fogo como figura de proa e duas balistas giratórias capazes de lançar parafusos explosivos potentes o suficiente para atravessar concreto... bem, esse não era o transporte mais apropriado para um encontro amigável com os vizinhos.

Annabeth tentara mandar um aviso aos romanos. Tinha pedido a Leo que enviasse uma de suas invenções especiais — um pergaminho holográfico — para alertar seus amigos dentro do acampamento. Com sorte, a mensagem teria chegado até eles. Leo havia sugerido pintar uma mensagem gigante no fundo do casco (“*E AÍ?*” junto de uma carinha sorridente), mas Annabeth vetara a ideia. Não sabia se os romanos tinham senso de humor.

Agora era tarde demais para voltar.

As nuvens se abriram ao redor do casco, revelando abaixo deles o tapete verde e dourado das Oakland Hills. Annabeth agarrou um dos escudos de bronze alinhados ao longo da amurada a boreste.

Os outros três tripulantes tomaram seus lugares.

No tombadilho de popa, Leo corria de lá para cá como um louco, verificando indicadores e alavancas. A maioria dos timoneiros teria ficado satisfeita com um timão ou uma cana do leme. Mas Leo havia instalado também teclado, monitor, controles de navegação de um Learjet, uma mesa de som de dubstep e sensores de movimento tirados de um controle de Nintendo Wii. Ele podia virar o navio puxando o manete, disparar armas sampleando um álbum ou levantar velas balançando seus controles de Wii bem rápido. Mesmo pelos padrões dos semideuses, Leo tinha um caso sério de TDAH.

Piper andava de um lado para o outro entre o mastro principal e as balistas, praticando seu discurso.

— Abaixem as armas — murmurava ela. — Só queremos conversar.

Seu charme era tão persuasivo que as palavras fizeram Annabeth querer largar a faca e bater um longo papo.

Filha de Afrodite, Piper fazia um grande esforço para disfarçar sua beleza. Usava jeans esfarrapado, tênis surrados e uma blusinha branca com estampa cor-de-rosa da Hello Kitty. (Talvez fosse uma piada, embora Annabeth nunca tivesse certeza do que se passava na cabeça de Piper.) O cabelo castanho desfiado estava preso para o lado direito em uma trança com uma pena de águia.

E havia ainda Jason, o namorado de Piper. Ele estava de pé na plataforma elevada da besta, na proa, onde os romanos podiam facilmente avistá-lo. Os nós de seus dedos estavam brancos no punho da espada de ouro. Exceto por isso, ele parecia calmo para alguém que se apresentava como alvo. Por cima do jeans e da camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue, ele vestia uma toga e um manto roxo, símbolos de seu antigo posto de pretor. Com o cabelo louro bagunçado pelo vento e os olhos azuis glaciais, parecia rusticamente bonito e no controle — como um filho de Júpiter devia ser.

Ele havia crescido no Acampamento Júpiter, portanto esperavam que seu rosto familiar evitasse que os romanos derrubassem o navio.

Annabeth tentava esconder que ainda não confiava completamente no garoto. Seu comportamento era perfeito demais: sempre seguindo as regras, sempre com atitudes honradas, até sua *aparência* era perfeita demais. Bem no fundo, um pensamento martelava: E se isso for um truque e ele nos trair? E se navegarmos até o Acampamento Júpiter e ele disser: *Ei, romanos! Olhem só estes prisioneiros e este navio bacana que eu trouxe para vocês!*

Annabeth duvidava que aquilo fosse acontecer. Ainda assim, não podia olhar para ele sem se sentir um pouco estranha. Ele fazia parte do “programa de intercâmbio” forçado que fora engendrado por Hera para que os dois acampamentos se conhecessem. Sua Mãe Irritante Majestade, a Rainha do Olimpo, havia convencido os outros deuses de que seus dois grupos de filhos — romanos e gregos — tinham que unir forças para salvar o mundo da maligna deusa Gaia, que estava despertando da terra, e seus horríveis filhos, os gigantes.

Sem aviso, Hera sequestrara Percy Jackson, namorado de Annabeth, apagara sua memória e o enviara para o acampamento romano. Em troca, os gregos receberam Jason. Nada disso era culpa dele; mas, todas as vezes que Annabeth o via, lembrava-se da saudade que sentia de Percy.

Percy... que estava em algum lugar abaixo deles agora.

Oh, deuses. O pânico cresceu dentro dela. Annabeth o reprimiu. Não podia se dar ao luxo de perder o controle.

Sou uma filha de Atena, disse a si mesma. *Tenho de me ater ao meu plano e não me desviar dele.*

Ela tornou a senti-lo — aquele arrepio familiar, como se um boneco de neve psicótico houvesse se aproximado por trás e soprasse sua nuca. Ela se virou, mas não havia ninguém ali.

Devia ser o nervosismo. Mesmo em um mundo de deuses e monstros, Annabeth não acreditava que um navio de guerra novo pudesse ser assombrado. O *Argo II* estava bem protegido. Os escudos de bronze celestial ao longo da amurada haviam sido encantados para repelir monstros, e o sátiro a bordo, o treinador Hedge, teria farejado qualquer intruso.

Annabeth desejou poder rezar pedindo orientação à mãe, mas agora isso não era possível. Não depois do mês passado, daquele encontro horrível com a deusa e do pior presente de sua vida...

O frio pareceu chegar ainda mais perto. Ela pensou ter ouvido uma voz distante ao vento, rindo. Todos os músculos de seu corpo ficaram tensos. Algo estava prestes a dar muito errado.

Ela quase ordenou a Leo que mudasse o curso. Então, no vale lá embaixo, cornetas soaram. Os romanos os tinham avistado.

Annabeth pensou que sabia o que esperar. Jason tinha descrito o Acampamento Júpiter em detalhes minuciosos. Ainda assim, ela custava a acreditar no que via. Cercado pelas Oakland Hills, o vale tinha pelo menos duas vezes o tamanho do Acampamento Meio-Sangue. Um riacho serpenteava por um dos lados e descrevia uma curva na direção do centro, como um imenso *G* maiúsculo, desaguando em um reluzente lago azul.

Bem abaixo do navio, aninhada à margem do lago, a cidade de Nova Roma cintilava à luz do sol. Annabeth reconheceu os pontos de referência mencionados por Jason: o hipódromo, o coliseu, os templos e parques, o bairro das Sete Colinas com suas ruas sinuosas, vilas coloridas e jardins floridos.

Ela viu as marcas da recente batalha dos romanos contra um exército de monstros. Parte do domo de um edifício que ela supunha ser o Senado tinha desabado. Na ampla praça do fórum havia uma série de crateras. Algumas fontes e estátuas estavam em ruínas.

Dezenas de garotos vestindo togas saíam do Senado para ver melhor *Argo II*. Mais romanos deixavam lojas e cafés, olhando boquiabertos e apontando para o navio que descia.

A pouco menos de dois quilômetros a oeste, onde as cornetas soavam, uma fortaleza romana erguia-se em uma colina. Era exatamente como as imagens que Annabeth vira em livros de história militar: uma trincheira de defesa encimada por espigões, muralhas altas e torres de vigilância armadas com balistas do tipo escorpião. Lá dentro, alojamentos brancos perfeitamente enfileirados ladeavam a estrada principal — a *Via Principalis*.

Uma coluna de semideuses surgia dos portões, as armaduras e lanças reluzindo enquanto eles corriam para a cidade. Em meio às fileiras havia um elefante de guerra de verdade.

Annabeth queria pousar o *Argo II* antes que aquelas tropas chegassem, mas o solo ainda estava centenas de metros abaixo. Ela esquadrinhou a multidão, esperando avistar Percy.

Então houve uma explosão atrás dela. *BUM!*

A explosão quase a lançou para fora do navio. Ela se virou e se viu frente a frente com uma estátua masculina furiosa.

— Inadmissível! — gritou ele.

Aparentemente ele surgira com a explosão, bem ali no convés. Uma fumaça amarela sulfurosa se levantava dos ombros. Os cabelos cacheados estavam cheios de cinzas. Da cintura para baixo, nada mais era que um pedestal quadrado de mármore. Da cintura para cima, era uma figura humana musculosa com uma toga esculpida.

— Eu *não* vou tolerar armas dentro da Linha Pomeriana! — anunciou ele em uma voz professoral e autoritária. — E *certamente* não tolerarei gregos!

Jason lançou a Annabeth um olhar que dizia: *Eu cuidei disso*.

— Término — disse ele. — Sou eu, Jason Grace.

— Ah, eu me lembro de você, Jason! — grunhiu Término. — Pensei que tivesse juízo suficiente para não se associar aos inimigos de Roma!

— Mas eles não são inimigos...

— Isso mesmo — interveio Piper. — Só queremos conversar. Se pudessemos...

— Rá! — replicou a estátua. — Não tente usar esse charme *comigo*, mocinha. E largue essa adaga antes que eu a arranque de suas mãos!

Piper olhou para sua adaga de bronze, aparentemente se dando conta de que a segurava.

— Hã... o.k. Mas como você a arrancaria de mim? Você nem tem braço.

— Impertinente! — Houve um *POP* agudo e um lampejo de luz amarela.

Piper gritou e deixou cair a adaga, que agora fumegava e soltava faíscas.

— Sorte sua que acabei de sair de uma batalha — disse Término. — Se eu estivesse com minha força máxima, já teria derrubado essa monstruosidade voadora do céu!

— Espere aí. — Leo deu um passo à frente, agitando seu controle de Wii. — Você chamou meu navio de monstruosidade? *Diga* que você não fez isso.

A ideia de que Leo pudesse atacar a estátua com seu controle de videogame foi suficiente para arrancar Annabeth de seu estado de choque.

— Vamos nos acalmar. — Ela ergueu as mãos para mostrar que não estava armada. — Creio que você seja Término, o deus das fronteiras. Jason me disse que você protege a cidade de Nova Roma, certo? Eu sou Annabeth Chase, filha de...

— Ah, eu sei quem *você* é! — A estátua a encarou com os olhos brancos e vazios. — Uma filha de *Atena*, a forma grega de Minerva. Um escândalo! Vocês gregos não têm o mínimo de decência. Nós romanos sabemos o lugar adequado para *aquela* deusa.

Annabeth cerrou os dentes. Aquela estátua não estava facilitando nada seu propósito de ser diplomática.

— O que exatamente você quer dizer com *aquela* deusa? E o que tem de tão escandaloso em...

— Certo! — interrompeu-a Jason. — Seja como for, Término, estamos aqui em missão de paz. Adorariamos ter permissão para pousar e...

— Impossível! — guinchou o deus. — Larguem suas armas e se entreguem! Deixem minha cidade imediatamente!

— É para fazermos qual dos dois? — perguntou Leo. — Nos entregarmos ou irmos embora?

— Ambos! — disse Término. — Entreguem-se, depois vão embora. Estou lhe dando uma bofetada por fazer uma pergunta tão idiota, seu garoto ridículo! Sentiu?

— Uau. — Leo examinava Término com interesse profissional. — Você está muito tenso. Precisa afrouxar algum mecanismo aí? Posso dar uma olhada.

Ele guardou o controle do Wii, pegou uma chave de fenda em seu cinto mágico de ferramentas e bateu no pedestal da estátua.

— Pare com isso! — insistiu Término. Outra pequena explosão fez Leo largar a chave de fenda. — *Não* é permitida a presença de armas em solo romano dentro da Linha Pomeriana.

— Da o quê? — perguntou Piper.

— Limites da cidade — traduziu Jason.

— E este navio inteiro é uma arma! — disse Término. — Vocês *não* podem pousar!

No vale lá embaixo, os reforços da legião estavam a meio caminho da cidade. Havia mais de cem pessoas no fórum. Annabeth examinava os rostos e... ah, deuses. Ela o viu. Ele caminhava na direção do navio com os braços nos ombros de duas pessoas, como se fossem melhores amigos — um garoto corpulento com cabelo muito curto e uma garota usando um capacete da cavalaria romana. Percy parecia tão à vontade, tão feliz. Ele usava uma capa roxa exatamente como a de Jason: a marca de um pretor.

O coração de Annabeth executou uma acrobacia de ginástica artística.

— Leo, pare o navio — ordenou ela.

— O quê?

— Você me ouviu. Vamos ficar exatamente onde estamos.

Leo apanhou o controle e o virou para cima. Todos os noventa remos ficaram imóveis. O navio parou de descer.

— Término — disse Annabeth —, não existe nenhuma regra em relação a pairar *sobre* Nova Roma, existe?

A estátua franziu a testa.

— Bem, não...

— Podemos manter o navio no ar — disse Annabeth. — Vamos usar uma escada de corda para chegar ao fórum. Assim, o navio não estará em solo romano. Não tecnicamente.

A estátua pareceu ponderar a situação. Annabeth perguntou-se se ele estaria coçando o queixo com mãos imaginárias.

— Gosto de tecnicidades — admitiu ele. — Ainda assim...

— Todas as nossas armas ficarão a bordo — prometeu Annabeth. — Presumo que os romanos... inclusive aqueles reforços marchando em nossa direção... também terão que honrar suas regras dentro da Linha Pomeriana, se você assim ordenar.

— É claro! — disse Término. — Por acaso pareço ser do tipo que tolera infratores?

— Hã, Annabeth... — começou Leo. — Tem certeza de que essa é uma boa ideia?

Ela fechou os punhos para evitar que tremessem. Aquele calafrio persistia. Estava bem atrás dela, e agora que Término tinha parado de gritar e causar explosões, ela imaginou ouvir a presença gargalhando, como se estivesse se deliciando com as más escolhas de Annabeth.

Mas Percy estava lá embaixo... tão perto. Ela *precisava* chegar até ele.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. — Ninguém estará armado. Poderemos conversar em paz. Término cuidará para que os dois lados obedeçam às regras. — Ela olhou para a estátua de mármore. — Temos um acordo?

Término fungou.

— Creio que sim. Por ora. Você pode descer por sua escada para Nova Roma, filha de Atena. Mas, *por favor*, tente não destruir minha cidade.